

O PLANISFÉRIO DE MAIOLLO DE 1504.

Nova prova do itinerário de Gonçalo Coelho-Vespúcio, à Patagônia, em sua viagem de 1501-1502 (*).

Ao entrar na exposição vespuciana de Florença, em princípios de julho de 1954, fiquei admirado à vista do conjunto cartográfico. Além dos cinco mapas que formam o grupo de 1502, diretamente derivado da viagem que comento, encontrava-se entre eles, ocupando lugar de honra, um planisfério que uma etiqueta oficial indicava ser de Maiollo, datado de 15(3?)4. Prócedia da Biblioteca Federiciana de Fano. Já à distância, havia reconhecido no perfil atlântico do hemisfério austral, grande semelhança com Kunstmann II, Pesaró e Hamy. Pude verificar, aproximando-me, que a nomenclatura da região atlântica meridional concordava com a de Kunstmann II, Cavério e Waldseemüller, desde o Cabo de Santa Cruz, ao norte, até Cananor, ao sul. Numa vitrina vizinha, estava a única cópia existente da edição de 1507 de Waldseemüller, com o título: *América*. Em frente ao Maiollo exibia-se o planisfério de Cavério. A um lado, Salvati e Juan Vespúcio. Faltava apenas Juan de la Cosa para encontrarem-se reunidas aos *fac-símiles* de Hamy, Cantino e Juan de la Cosa (que chegou depois da inauguração), as mais importantes imagens do Novo Mundo, associadas à viagem austral. Essas peças únicas e originais, pertencem às bibliotecas italianas e mapotecas estrangeiras.

Não era estranho que me surpreendesse com Maiollo, pois nunca havia sido reproduzido. No grande salão do Palazzo Vecchio levei tempo estudando-o, medindo-o e fazendo-o fotografar, até conseguir uma boa cópia do hemisfério meridional, do mesmo tamanho do modelo. Em Veneza, em agosto, procurei e encontrei na Biblioteca do Convento de São Marcos a respectiva bibliografia, e em começos de outubro entreguei à Revista *L'Universo* do Instituto Geográfico Militar de Florença, um breve estudo sobre o mapa de Maiollo, antes um conjunto de reflexões de um historiador de

(*) . — Texto espanhol traduzido pela Lic. Sônia Aparecida Siqueira (*Nota da Redação*).

viagens austrais, que a análise técnica de um cartógrafo. Este se publicou com o título de *Il Maiollo di Fano alla mostra vespucciana*

1). Deixando de lado os problemas de projeção e de construção do mapa, consagrei-me somente a quatro pontos: 1.º) a configuração do hemisfério austral; 2.º) a toponímia da costa dessa região; 3.º) a legenda que marca a data e a assinatura do autor, e 4.º) o sentido da legenda *Tera de Gonçalo Coigo vocatur Santa Croxe*, ou seja: Terra de Gonçalo Coelho chamada Santa Cruz (2).

A bibliografia me ensinou que o mapa era conhecido pelo menos há um século, porém mais de nome que de vista. Uzielli e Amat de San Filippo (3) registram-no em seu catálogo como de 1504, numa simples anotação, baseada no elenco das cartas geográficas reunidas na exposição de Veneza em 1881. Harrisse (4) e Nordenskiöld (5) já não puderam encontrá-lo e declararam perdido o que acreditam ser um atlas. Por essa razão provavelmente, e por estar arquivado na biblioteca de uma pequena povoação adriática, passou despercebido até que o Prof. Sebastián Crino o descobrisse em um curto estudo, em 1907, sem reproduzi-lo (6). Por êle sabemos que o sr. Luigi Massetti o havia doado à Biblioteca de Fano em 1862. Cita as três legendas principais sem tirar delas conclusão histórica, calcula a escala em 1:20.000.000 e sugere a data de 1534.

A razão que dá para atribuir ao *mapa-múndi* essa data, parecia lógica, mas não era a exata. O reputado polígrafo Desimoni havia descoberto um convênio subscrito por Maiollo nesse ano, no qual se comprometia a entregar antes de 1535 ao editor Lomellini uma carta náutica do mundo (7), e o prof. Crino deduziu dessa circunstância que

“essendo stata composta da carta in esame l'8 Giugno 1534, due mesi dopo cioè dell'atto notarile su ricordato se la cifra mancante tra il 5 e il 4 come non senza verosimiglianza puo supponersi, sia un 3 completamente obliterato”.

Várias razões, que veremos mais adiante, se opõem a esta conjectura. A que formulará depois o Prof. Giuseppe Caraci é igualmente infundada. Em um artigo em que se ocupa de outros mapas de Maggiolo, dedica algumas linhas a êste, à sua data e aos que

(1). — Revista do Instituto Geográfico Militar. Ano XXXIV, n.º 6, novembro-dezembro, 1954. Florença.

(2). — A referida legenda se vê com facilidade na região norte do Brasil.

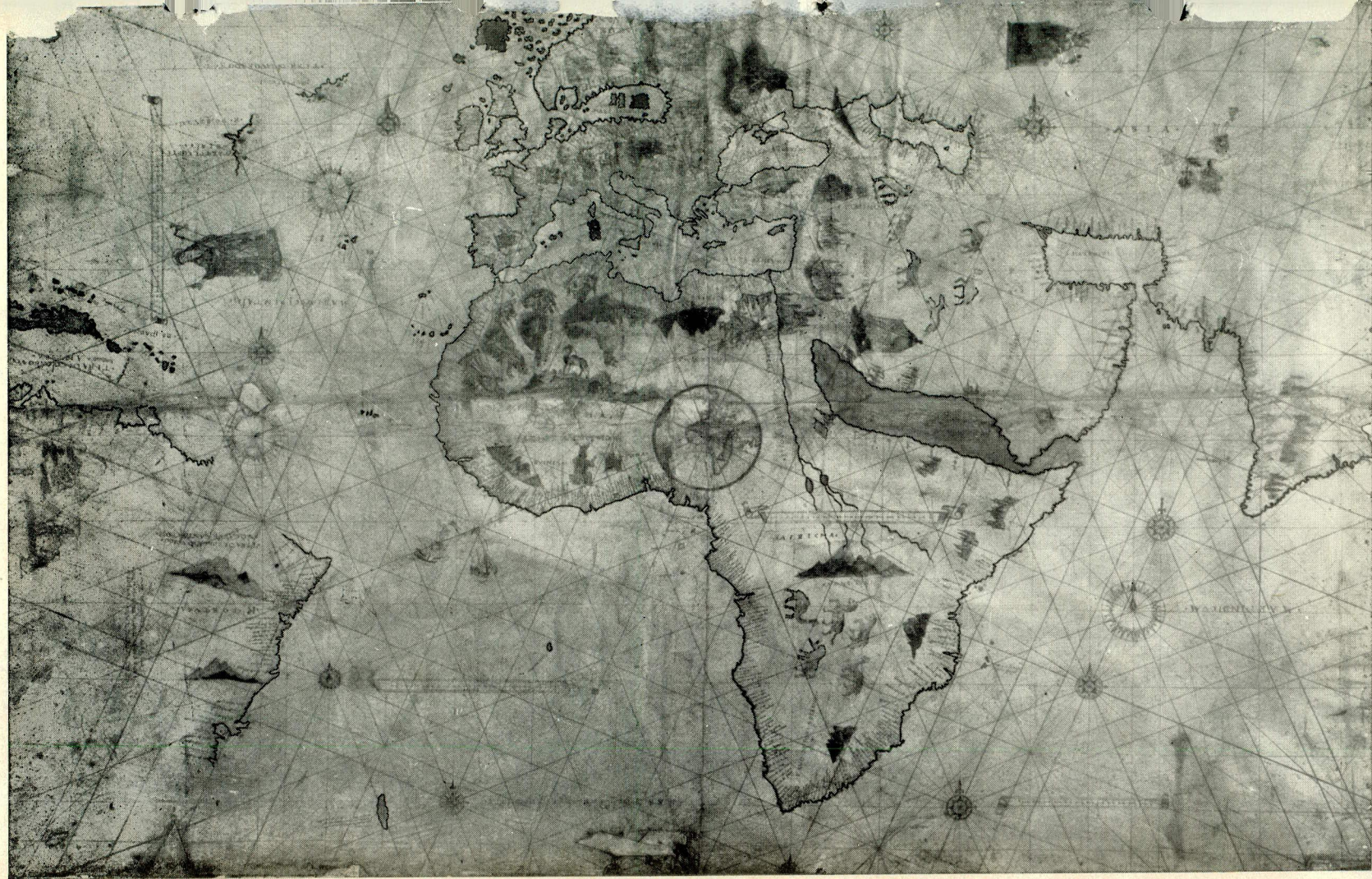
(3). — *Studi biografici e bibliografici sulla storia della geografia in Italia*. Roma, 1882.

(4). — *The Discovery of North America*. Londres, Paris, 1892.

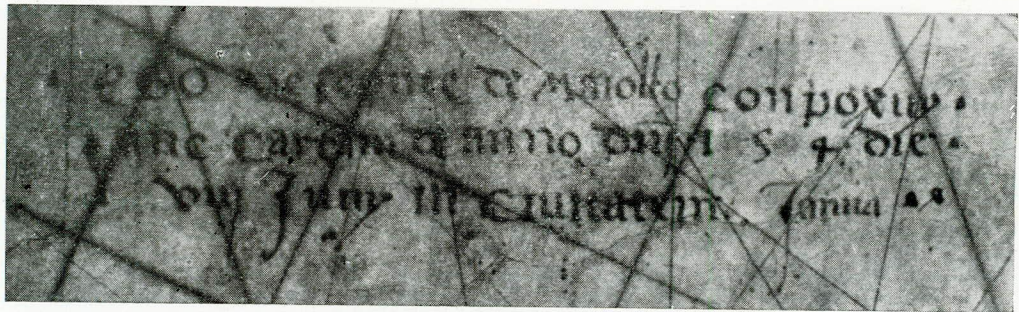
(5). — *Periplus*. Estocolmo, 1897.

(6). — *Notizie sopra una carta de navigare di Visconte Maiollo*. Boletim da Sociedade Geográfica de Roma, t. III, 1907.

(7). — *Elenco di carte et atlanti nautici di autore Genovese*. Giornale linguistico, 1875.



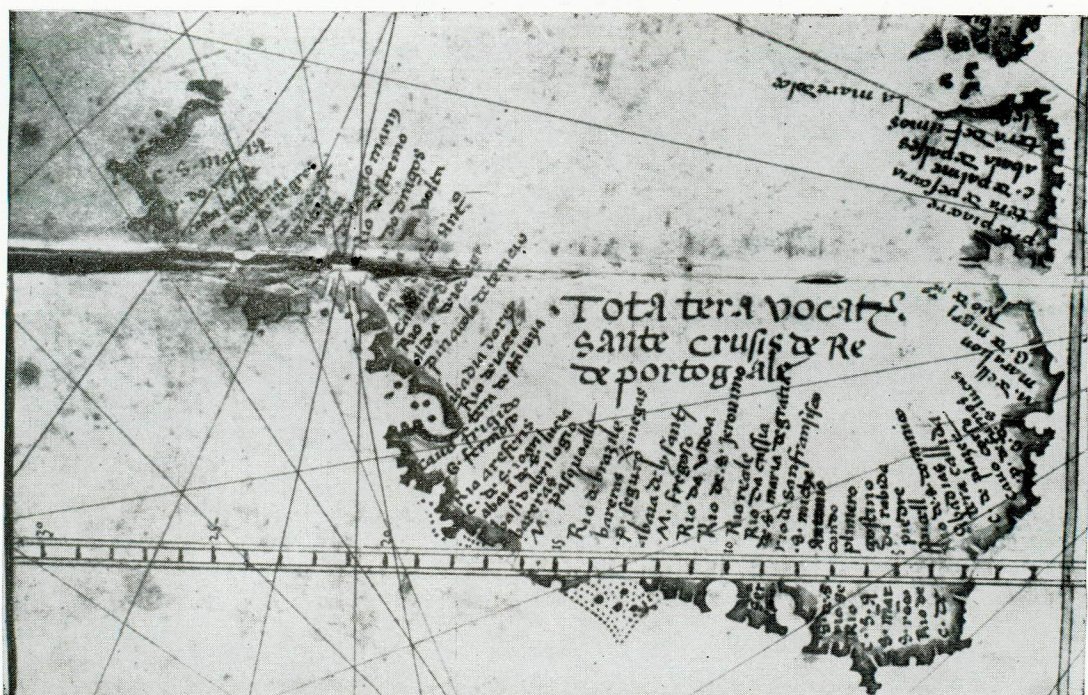
O planisfério de Maiollo — 1504.



Legenda com a data do planisfério.



Legenda com o nome de Gonçalo Coelho.



Mapa de Maiollo — 1519.

SAVO COISO
SANTA CROCE.

TOPONÍMIA COMPARADA DO PERFIL ATLÂNTICO MERIDIONAL
EM KUNSTMANN II, CAVÉRIO, MAIOLLO E WALDSEEMÜLLER

KUNSTMANN II (1502)

Capo de Sancta
San Michael
.....
Rio de S. Francisco
Bafra Barill
R'o de Perera
Serra de S. Madlena de Gratia
Rio de Caxa
Punta Real
Rio de San Hieronymo
Rio de Odio
Rio de Mezo
Monte Fregoso
A baia de tutti santi
Rio de San Jacomo
Rio de S. Augustino
Rio de S. Helena
.....
Rio de Cosines
Rio de Virgine
Rio de San Johan
Punte Seguro
Barefres Vermegl
Rio de Brazil
Barossa
Monte de Pasqual
R'os de Sta. Lucia
Serra de San Thome
.....
Rio de Arefens
Baia de Reis
Pinande detentio
Rio Jordam
Rio de San Antonio
.....
Punta de Sn. Vincentio
Rio de Cananor

CAVÉRIO (1502)

Cabo de Sta. Croxe
San Michel
.....
Rio Sam Francesco
Vazia Barill
Rio de Perera
Serra de Sta. Ma. de Gracia
Rio de Caixa
Porto Real
Rio de Sn. Jeronymo
Rio de Oido
Rio de Mayo
Monte Fregoso
Eaie di tutti li santi
Rio de Sam Jacomo
Rio do Sto. Agustino
Rio de Sta. Elena
.....
Rio de Vergine
Rio de Sam Joam
Porto Seguro
Bareras Vermeias
Rio de Brazil
Barossa
Mont Passqual
Rio de Sta. Lucia
Sierra de Santhome
Alapega de San Paulo
Rio da Refens
Ba'a de reis
Pinachullo detencio
Rio Jordam
Rio de S. Antonio
Porto de San Sebastian
Porto de S. Visenao
Rio de Cananor

MAIOLLO (1504)

Cavo de Santa Croxe
San Michel
Praia
Rio de San Francesco
Vazia Barill
Rio de Perera
Serra de Sta. Ma. de Gracia
Rio de Canefistola
P. Reall
Rio de San Ieronimo
R'o de oido
Rio di nico
Monte fregoso
abaida detuti li Santi
Rio de San Jacomo
Rio de Sto. Augustimo
Rio de Sta. Iena
.....
Rio de Coxmes
Rio de Vergens
Rio de San Ioan
p. Seguro
Bareras Vermeias
Rio de Brazil
Barossa
Monte Pasquoa
Rio de Sta. Lucia
Sera de San Thome
Alapego de san Paulo
R'o darefens
Baia do reis
Pinacullo detencio
Rio Iordam
Rio de Sto. Antogno
P. de San Sebastian
Punta de San Visenao
Rio de Cananor

WALDSEEMÜLLER (1507)

Caput Scte Crucis
S. Michaelis
.....
Rio de S. Francisco
Vazia Barill
Rio de Perera
Serra de S. Ma. de Gracia
Rio de Casa
Porto Real
R. S. Iheronimi
Rio de Odio
Rio de Mezo
Monte Fregoso
Abbatia Omni Sanctorum
Rio Giacobi
Rio S. Augustini
.....
Rio de S. Lucia
.....
Rio de Virgine
Rio de S. Ioham
Porto Seguro
Bareras Vermega
Rio de Brazil
Barossa
Mont Pasqual
R'o de S. Lucia
Serra S. Thome
Pagus S. Pauli
Rio da Refens
Baia de Reis
Pinachullo detentio
Rio Iordam
R. de San Anthonio
P. San Sebastian
P. San Vicente
Rio de Cananore

o haviam precedido no exame ou menção do planisfério (8). Com tal ênfase generalizadora de que soe usar, rejeita sem dar razão alguma, a data de 1504, e assevera:

“La data del atlante (êle ainda acredita ser um atlas) e senza dubbio piu tarda; l'equivoco fu possibìli perchè nella sottoscrizione la terza cifra del milesimo e illegibile e fu credeta un zero”.

Verá o leitor que o *senza dubbio* tem, como o *equivoco*, tão pouca justificação como aquilo de que

“il piu antico lavoro finora conosciuto di Vesconte resta il notissimo atlante del 1511”.

O exame do hemisfério austral de Maiollo e sua comparação com as outras representações já citadas do novo mundo, oferece sólidos fundamentos para associar êste planisfério à primeiríssima cartografia derivada do périplo de Gonçalo-Coelho-Vespúcio de 1501-1502 e autoriza assim mesmo a fixar-lhe a data de 1504. Antes de lançar-me ao estudo, pareceu-me prudente escrever a Fano, indagando se era ou não inédito, respondendo-me o Diretor da Biblioteca Federiciana que não havia sido reproduzido em publicação alguma que êle soubesse, mas sim comentado pelo prof. Crino em 1907. Enviou-me inclusa uma fotografia do planisfério, que não utilizei por parecer-me que as obtidas em Florença, tanto do conjunto como das partes que me interessavam, eram mais pormenorizadas e claras.

O mapa é de 1,40 m de comprimento por 0,895 m de altura no bordo direito e 0,915 m no da esquerda. Carece de graduações de latitude e longitude, não inclui Cuba, e sòmente chega até a Índia pelo Oriente. A forma da costa atlântica americana ao sul do equador, é a mesma de Pesaro, Hamy e Kunstmann II, sobretudo a dêste último, pela sua inflexão SSO. Termina uns graus mais ao sul de um estuário ou golfo denominado por Kunstmann II e Cavério, e mais tarde Waldseemüller: Rio Jordán, e êste é o nome que Maiollo também lhe dá, enquadrando-o, como os anteriormente citados, entre Pináculo Detentio (Pináculo de Tentación) ou seja o cerro de Montevidéu e Rio Santo Antônio. Já demonstramos em *América la bien llamada* e em *El Nuevo Mundo* (9) com uma vasta cartografia, que essa enseada representa o sítio e o primeiro nome cristão do Rio da Prata, chamado até então Paranaguazú ou Hu-ray pelos índios. Cavério, mapa assinado, Kunstmann II, sem as-

(8). — *Di un atlante sconosciuto di Vesconte Maiollo* (1548). “L’Universo”, setembro de 1926. *Di un atlante poco noto di Vesconte Maggiolo* (1549). Bibliofilia, Florença, janeiro-fevereiro 1951.

(9). — 2 vols. Kraft. Buenos Aires, 1948 e Editorial Nova, Buenos Aires, 1951.

assinatura, mas datado de 1502 pelos mais eminentes cartólogos (10) se unem a Maiollo, datado e assinado, para certificar que ao redor de 1502 e 1504 foi atingido e descoberto o Rio da Prata. E os três planisférios assim como Waldseemüller marcam também a presença em sua nomenclatura de *Cananor*, como extremo fim da expedição descobridora da Patagônia. Do ponto de vista da toponímia, Maiollo é muito satisfatório (11).

Quanto à configuração, se conserva a inflexão SSO de Pesaro, Kunstmann II e Hamy, não leva a costa atlântica até a alta latitude de Cananor. Possivelmente por má informação diminui de uns 10 graus ao norte da latitude do Cabo Agujas, se é que não dá demasiada extensão norte-sul ao continente africano. Cavério e Hamy são, entre os mapas citados de 1502, os únicos que marcam latitudes, e o segundo o faz com características curiosas.

Publiquei Hamy, fazem anos, na parte que mais interessava ao meu estudo (12). Reproduzi a África também, para demonstrar que a costa atlântica descia frente ao continente negro, algo mais ao sul que o Cabo Agujas (35°) mas a graduação da escala acabou ilegível na cópia fotográfica, e a imprensa a devolveu pedindo que se aclarasse. Um desenhista o fez, sem reparar no fato realmente insólito de que êsse mapa apresenta *duas* linhas equinoctiais. Uma começa no Oriente e termina pelo meridiano de Alexandria, e a do Ocidente termina na costa oriental da África, cinco graus ao sul da anterior. O paralelo marcado 35°S na escala oriental, passa com tôda exatidão pelo cabo terminal da África, mas na mesmíssima altura, na escala ocidental, se lê mal, mas se lê: 30°. Segundo Gallois, a linha que vem de Este a Oeste é a de Ptolomeu, e a que vai de Oeste a Este a dos navegantes modernos. O desenhista ao esclarecer as cifras, que são claras na escala oriental, utilizou as mesmas para a ocidental, alterando, sem direito, um conceito do autor do mapa. De tôda maneira, não favorece essa inadvertência à prova para a qual originariamente ia utilizando o mapa de Hamy, conjuntamente com Pesaro, Kunstmann II, Cavério e Cantino, todos de 1502. Os cinco mapas, uns pela sua configuração, outros pela sua toponímia, outros pela extensão de sua costa, demonstram com êsses testemunhos, e não com suas latitudes escritas, que o Rio da Prata e o litoral patagônico estavam descobertos desde 1502, por uma expedição que

(10). — Ocuparam-se de Cavério, considerando-o de 1502, Gallois, Kretschmer Marcel, Nordenskiöld, HARRISSE, Ruge, Phillips, Lowery, Stevenson, Vignaud Winter, Tomaschek, Revelli, Almagia, Magnaghi e muitos outros. Com Kunstmann II se especificaram aceitando a data dada por P. Kunstmann: Kohl, Peschel, Ruge, Kretschmer, Nordenskiöld, HARRISSE, Stevenson, Winter, Uzielli, Philips, Lowery, Almagia, etc.

(11). — Veja-se a toponímia comparada no quadro anexo.

(12). — *América la bien llamada*, vol. II, págs. 8, 9 e 10.

só podia ser a de Gonçalo Coelho-Vespúcio. Maiollo corrobora esta verdade de forma concludente.

Se sua costa atlântica apresenta um perfil quase idêntico ao de Hamy, Kunstmann II e Pesaro, a do Caribe oferece uma característica igual a que dão Juan de la Cosa (1500), Kunstmann II e Hamy. Nesses três mapas, como pode ver o leitor em *América la bien llamada* (13), se interrompe de repente a linha do litoral, prolongando-se êsse corte ao ponto de fazer desaparecer tôda a terra compreendida entre o Marañón e o Rio Grande do Mar Doce (Amazonas) e também êsses dois rios. Esta singular omissão ocorre também em Maiollo indicando parentesco de época. O desenhista italiano inspirou-se num modelo análogo ao de Kunstmann II, ao qual está ligado por outros indícios de contemporaneidade. A toponímia de alguns dêstes mapas é um dêles. Veja o leitor o quadro no qual aproximamos os nomes da costa atlântica sul de Kunstmann II, Cavério, Maiollo e Waldseemüller. Pouco falta para que sejam idênticos, desde Santa Croxe até Cananor. Êstes indícios concordantes permitem também afirmar que Maiollo pertence à cartografia derivada das viagens caribeanas, de Colombo a Vélez de Mendonza, que reflete, como os cinco mapas citados, as viagens atlânticas de Cabral e Gonçalo Coelho-Vespúcio. O que foi dito já está muito bem provado. Não obstante ampliarei os testemunhos para que o Q.E.D. seja concludente. Passarei à data.

A legenda em que ela consta provê sòmente três cifras, apresentadas assim: 1.5.4. À primeira vista poderia ser 1534, 1524, 1514 ou 1504. Os antecedentes enunciados tendem a demonstrar que é 1504. Acrescentarei razões pelas quais se deve eliminar qualquer outra data.

Indiquei, há anos, a série de nomes mal situados por Maiollo, na costa atlântica de seu mapa de 1519 (14). Acreditava que o cartógrafo os havia transposto nessa representação. Descubro agora que não fêz mais do que reiterar seu errado encolhimento da costa de 1504, ficando outra vez uma série de lugares fora do sítio. Leva Cananor, Santo Antônio, Pináculo Detentio e Rio Jordão, da jurisdição castelhana à portuguesa, colocando êsses nomes por São Paulo. Além de que, atribui a essa região uma altura de 19 e 20°, em vez da correta; 23°30'. Comete outro êrro, ao inarcar o cabo de Santa Maria por 28° em vez de 34°45'. A abundância da toponímia neste mapa de 1519, em comparação com as cartas geográficas citadas, indica uma época mais avançada e a utilização de novas viagens, cada uma das quais deixou atrás de si, ba-

(13). — *Op. cit.*, vol. I, 92; vol. II, págs. 8 e 10.

(14). — *Op. cit.*, vol. II, págs. 72 e 73.

tismos sem precedentes. Maiollo 1519 é, pois, *posterior* ao que ocasiona êste estudo, e com muito maior razão deve afastar-se a suposição de que pudesse ser de 1524. Por seu lado, o planisfério de 1527 torna inadmissível a data de 1534. Inteirado o cartógrafo da viagem de Magalhães, marca todo o litoral e o *estreito*, e acrescenta o nome de São Cristóvão (posto pelo nauta lusitano ao Rio da Prata) ao de Jordán, resultante da viagem Gonçalo Coelho-Vespúcio. Vai corrigindo erros de 1504 a 1519 e aproximando-se da realidade topográfica do litoral (15). E seria verossímil que sete anos depois, ou seja, 1534, aparecesse um mapa seu de tão breve costa e tão primitiva nomenclatura? E' bem sabido que surgiram a meúdo na cartografia do século XVI, surpreendentes recúos, mas raramente entre os italianos. Êles sempre souberam informar-se e foram entre os primeiros a fazê-lo, graças ao seu contacto mediterrâneo com as potências descobridoras e a atividade sutil dos núncios, diplomatas e agentes comerciais, prevalecentes em Lisboa, Burgos e Sevilha. Basta para concretizar, escrever aqui os nomes de Martir de Angleria, Pascualigo, Trevisano, Cantino, Affaitadi, Cretico, Ca-Masser, Rondinelli, Priuli, Sanuto, Empoli, Marchioni, Vespúcio mesmo (16). Todos escreviam mostrando que *sabiam*. O segredo das chancelarias interessadas era um mito. Demonstrem-no mapas italianos de 1502, 1504, 1519 e 1527; 1536, 1543 e 1553. As abelhas sugavam seu mel onde e como podiam. Dar ao Maiollo de Fano, conhecendo o de 1527, a data de 1534, seria uma extravagância. Tão pouco é aceitável 1514. O corte na costa norte, semelhante ao de Juan de la Cosa de 1500, Hamy e Kunstmann II de 1502 é explicável numa época em que os pilotos de Espanha e os desenhistas de Portugal não tinham segurança de acertar na indicação das jurisdições. Omitir, também podia ser uma astúcia; mas em 1514, os nautas de Castela haviam percorrido muitas vêzes a costa norte, e descoberto o Mar do Sul. Um mapa como o de Maiollo, nessa data seria um anacronismo.

Ao aparecer êste artigo em *L'Universo*, em dezembro de 1954, enviei um exemplar ao meu eminente amigo Heinrich Winter, cartólogo alemão de grande autoridade e autor de muitos trabalhos de valor, como *The false Labrador and the Oblique meridian*, *Francisco Rodrigues Atlas of 1513*; *The true position of Hermann Wagner in the controversy of the Compass Chart*, *A circular map in a Ptolemaic mss*, etc., pedindo-lhe sua opinião sobre a interpretação da data de Maiollo de Fano. Sua resposta de 2 de fevereiro de

(15). — *Op cit.*, vol. II, págs. 108 a 110.

(16). — Veja-se *op. cit.*, vol. I, págs. 182 a 199, meus comentários à extravagante "política de segredo", do senhor Jaime Cortesão, publicada pela primeira vez sob o título de "*O sigilo nacional sobre os descobrimentos*" na revista "Lusitânia" de janeiro de 1924. O mesmo conceito é repetido com maior extensão na *Histria de América* de A. Ballesteros, em 1947.

1955, ratifica, por uma excelente razão, a conclusão formulada de 1504. Publicamô-la em inglês, tal como a recebemos.

“As to the date of Maiollo, certainly it was inevitable to refute the readings: 1534, 1524, 1514. But there is another reason for favoring 1504. At the end of the 15th century *one* changed from semigothic letters to latin ones and vice versa from latin numbers to semigothic ones, and after 1500 there was a new situation: *one* pronounced *one* (thousand) *five* (hundred) and *four* = 1.5.4, so, having only three unities. Therefore one was not obliged to put in a zero, as far as the 3 unity was an independent word, not composed as thir-teen, fourteen, etc. Therefore 1.5.4. is not a lapse. And even the same Maiollo uses the last possibility for such writing (3 unity twelve) on his portulan chart in New York: “Vesconte maiolo composuy hanc cartam in neapoly de anno dny. 1.5.12. dic 2 Juny., still with three unities for writing as for speaking”.

Pensamos que esta grata lição, saída da realidade histórica, servirá para consignar ao planisfério de Maiollo uma poderosa ratificação de Hamy-Pesaro-Kunstmann II-Cavério-Cantino, como grupo cartográfico e reflexo da viagem de Gonçalo-Coelho-Vespúcio ao Rio da Prata e à Patagônia em 1501-1502.

Uma circunstância visível no próprio mapa, empresta à referida data um poderoso apôio. Em uma legenda escrita em caracteres maiúsculos, aparece no alto do mapa: **TERA DE GONZALVO COE (G?) (L?) O VOCATUR SANTA CROXE**. Maiollo interpretou errôneamente o nome e o sobrenome Gonzalo Coelho. Escreveu-os mal, e nele não eram raros tais descuidos. Anota por Santo Antônio: San Antogno; Cristóvão Colombo: Cristofa Colombo; Santa Croce: Santa Crusis, e Magalhães: Maçaianes. A legenda evidencia a intenção de uma homenagem ao capitão-mor da expedição descobridora das terras meridionais da América, percorridas por Gonçalo Coelho, com Vespúcio, em 1501-1502, desde o cabo São Roque no Brasil, até Cananor na Patagônia. Muito se discutiu, particularmente entre brasileiros e na época do Império, se *ele* foi o chefe, ou se esse cargo correspondeu a André Gonçalves (17). Os quatro historiadores brasileiros mais renomados no século XIX: Caetano da Silva, Varnhagen, Mendes de Almeida e Capistrano de Abreu, firmaram o peso de sua autoridade em favor do primeiro, e ante os motivos alegados por eles, sustentei em *América la bien llamada*, *El Nuevo Mundo*, e vários artigos de polémica publicados na *Revista de História*, de São Paulo, que deveria ter sido Gonçalo Coe-

(17). — Veja-se Varnhagen A., *História Geral do Brasil*, Madri, 1854. Capistrano de Abreu, *O descobrimento do Brasil*, Rio, 1883.

lho (18). A legenda até então nunca apreciada (1954) corrobora de maneira decisiva essa tese. Vespúcio, a quem um profissional da quimera, e, mais tarde, seus corifeus, pretenderam atribuir o comando da viagem de 1501-1502, nunca escreveu ter sido capitão-mor de nenhum périplo, e quando foi capitão de uma caravela, afirmou-o claramente. Em tôdas as suas cartas predomina seu interesse pelas questões cosmográficas, astronômicas, etnográficas e geográficas, sobre os problemas náuticos. E sua hierarquia a bordo das três primeiras viagens, sobretudo na terceira, deve ter sido a de assessor científico. Refere que o Conselho de Oficiais lhe confiou em 15 de fevereiro a orientação do périplo, que êle dirigiu até 50° de latitude sul. Em 7 de abril, o capitão-mor retomou a direção para voltar a Portugal. Em outro parágrafo alude à morte de um grumete e ao impulso da tripulação de vingar-se dos indígenas, o que o capitão-mor proibiu. Não pretendia, pois, ser o Chefe.

A legenda de Maiollo tira tôda a dúvida sobre este tão discutido ponto; era Gonçalo Coelho o capitão-mor da expedição de 1501-1502. A Vespúcio coube o mais importante, para descobrir sob sua direção o Brasil Meridional, o Rio da Prata, o Cerro de Montevideu e a Patagônia. Isto não é tudo. Esta terra foi também sua fonte de inspiração. Ao bordejar por seu litoral interminável, inteirou-se de seu caráter de continentalidade. A essa compreensão feliz se deve pela primeiríssima vez na história o uso dos termos *Mundus Novus*, *Continente* e *Quarta Pars Mundi*, e foi um uso exato. A viagem de tão fecundos resultados repercutiu sobre o Capitão-mor, provocando a homenagem lusitana de Tera de Gonçalo Coelho, provavelmente inscrita no modelo utilizado por Maiollo. Dêsse precioso testemunho evidencia-se que a viagem, o planisfério, e a legenda são coetâneos, e a êles se agregam as seguintes conclusões:

1) O mapa de Maiollo de Fano, incorpora-se, por sua configuração ao grupo dos três planisférios de 1502, de inflexão SSO; 2) a concordância de sua toponímia com a de Kunstmann II, Cavério e Waldseemüller, perceptível no quadro anexo, associa-o igualmente à família cartográfica derivada da viagem Gonçalo Coelho-Vespúcio de 1502; 3) em razão dos conhecimentos obtidos em viagens posteriores, resumidos nos mapas de Maiollo de 1519 e 1527, não é aceitável que o de Fano seja de 1514, 1524 ou 1534; 4) êstes

(18). — Veja-se *América la bien llamada*, tomo II. *El Nuevo Mundo e Revista de História*, de São Paulo, n.º 16 de 1953. *Boletín de la Real Sociedad Geográfica de Madrid*, n.º 333, de 1954.

fundamentos acrescentados a indícios da época, como a interrupção da costa no litoral norte do Brasil (concordante com outros mapas de 1502) e a lembrança da memória de Gonçalo Coelho, impõem a data de 1504 ao planisfério de Maiollo da Biblioteca de Fano; 5) a explicação dada pelo sr. Winter sobre a maneira de numerar em princípios do século XVI, é definitiva para solução do problema de data.

ROBERTO LEVILLIER